

A CIBERCULTURA E A RELIGIOSIDADE CATÓLICA: UMA LEITURA TRANSDISCIPLINAR DOS DESAFIOS E PARADOXOS DA NOVA CONFIGURAÇÃO DO SAGRADO EM AMBIENTE DIGITAL

Mariano Vicente da Silva Filho¹
Gilbraz de Souza Aragão²

Resumo

O objetivo deste trabalho é identificar a nova configuração do sagrado no ambiente digital, por entre e além das tecnologias da informação e comunicação, no qual se visualizam os desafios e paradoxos, a partir da presença católica na web, especificamente, com o trabalho de evangelização dos paulinos. A metodologia utilizada é a análise transdisciplinar, com a indagação do que é essa religiosidade, que está entre e além da comunicação e da religião, bem como entender a complexidade de rumos que religião e comunicação estão ganhando. Nosso intuito é buscar mais esclarecimento sobre o fenômeno religioso na cibercultura, desvelando o seu possível aporte ao diálogo entre as culturas e as religiões.

Palavras-chave: Fenômeno religioso na *cibercultura*. Comunicação. Transdisciplinaridade e religião. Complexidade. Diálogo inter-religioso.

1 INTRODUÇÃO

Neste trabalho, ao empreendermos a abordagem da nova formatação do sagrado na internet, vislumbramos, inicialmente, o surgimento de uma religiosidade que está saindo da proteção institucional para concorrer no mercado midiático de bens simbólicos, com contornos difusos e transreligiosos. Essa percepção de uma nova configuração do sagrado, entre e além das tecnologias da informação, é conhecida no universo dos estudos do ciberespaço, mas ainda pouco explorada no campo das Ciências da Religião.

Nossa reflexão se desdobra sobre a presença religiosa católica na Web, sobretudo com questões na linha da interação, da interferência do meio nas práticas de fé, bem como das implicações do fenômeno religioso nos novos meios de comunicação. Descreve-se um pouco da presença institucional católica, bem como

¹ Publicitário e mestre em Ciências da Religião pela UNICAP; prof. tutor EaD do IFPE e coord. editorial da Paralellus.

² Doutor em Teologia, professor e coordenador do Mestrado em Ciências da Religião Unicap.

da experiência de evangelização dos padres Paulinos utilizando os novos meios. E, na perspectiva da análise transdisciplinar, esboçam-se alguns comentários sobre essa presença.

A transdisciplinaridade pode ser concebida como uma modelização dos sistemas complexos de conhecimento, mas apoiada numa metodologia que lhe é específica: complexidade, diferentes níveis de realidade e terceiro incluído. A pressuposição é de que há um elemento sagrado, misterioso, que está entre e além da comunicação e da religião – e que precisa ser incluído para que consigamos entender os rumos complexos que religião e comunicação estão ganhando. Nosso intuito é buscar, através da lógica transdisciplinar do “Terceiro Incluído”, mais esclarecimento sobre o fenômeno religioso na cibercultura, desvelando o seu possível aporte ao diálogo entre as culturas e as religiões.

2 AUTONOMIA DO SUJEITO E PRIVATIZAÇÃO DA RELIGIÃO

Nos dias atuais, é perceptível a manifestação de comportamento diferente do sujeito pós-moderno, internauta navegador do ciberespaço, que, na busca de uma identidade, termina por constituir novas subjetividades, meio difusas, também frente ao pluralismo religioso, que se soma à multiplicidade de serviços e vivências que a internet apresenta. Desse modo, o indivíduo é levado a conceber-se através de exercícios de autonomia individual, do poder que o acesso a uma miríade de informações lhe concede. A internet dota-o de uma confiança psicológica diante do mundo, de um poder interno de autossugestão que efetivamente tem validade em relações sociais que atribuem positividade ao autocontrole, à autoconfiança, à autoestima, à coragem para a iniciativa audaciosa, à impetuosidade empresarial.

A situação em que se encontra a religiosidade, sempre mais vivenciada virtualmente, gera ganho de poder ou autonomia para os indivíduos com ela envolvidos, pela verificada perda de importância atribuída ao papel das tradições religiosas institucionais, decorrentes de fenômenos tais como a crescente conscientização do pluralismo religioso e a conseqüente instauração de uma lógica de mercado religioso e de concorrência simbólica.

Thomas Luckmann (1973), em sua obra *La religión invisible*, não pensou no contexto do ciberespaço³, porém, refletiu sobre a maneira pela qual o indivíduo percebe hoje a sua relação com a sociedade, assim como as condições sociais necessárias para que o significado da existência individual seja subjetivamente compreendido. Assim, Luckmann (1973, p. 92) pontua: “a especialização institucional da religião transforma a relação do indivíduo com o cosmos sagrado e com a ordem social em geral. Como resultado desta transformação a igreja torna-se um fenômeno ambivalente com relação a sua função religiosa”.

Como consequência também da especialização institucional,

A incoerência entre o modelo **oficial** de religião e os sistemas individuais predominantes de **significação última** pode alcançar proporções críticas. [...] O modelo oficial de religião muda num ritmo mais lento que as condições sociais **objetivas** que co-determinam os principais sistemas individuais de significado último (LUCKMANN, 1973, p. 93, grifo do autor)⁴.

Como conciliar a religião oficial e tradicional, caracterizada por crenças em mitos e práticas de ritos, por submissão a interditos preconizados pelos ministros de um Deus metafisicamente objetivado para além do mundo, com a experiência subjetiva de mais-poder, entre e além dos humanos na história, de uma realidade que nos religa a todos e a tudo? Os determinantes estruturais deste problema estimulam significativamente o indivíduo a refletir. Tal reflexão pode conduzir a uma variedade de soluções. Uma delas é um salto de fé, por assim dizer.

Fé não mais como uma atitude ingênua: a diferença consiste em que aqui a religiosidade individual, calcada unicamente no modelo oficial, é reconstruída depois de uma fase de dúvida, como uma postura para os problemas da vida. Outro recurso pode consistir em encontrar-se a si mesmo como incapaz de formular uma solução plausível e retornar por isso a uma atitude pré-reflexiva na qual se passa da ação secular à religiosa de modo rotineiro. Uma terceira possibilidade consiste na formulação de um sistema de valores seculares explícitos: como consequência, a atividade religiosa ou se desenvolve por razões oportunistas ou é abandonada (LUCKMANN, 1973, p. 97).

A religião, seja como for, ressalta Luckmann (1973, p. 98, grifo do autor), “torna-se um assunto **privado**. A especialização institucional da religião, como

³ Na época em que a obra *La religión invisible* foi publicada, 1967, ainda não havia internet e suas características que lhe são peculiares hoje.

⁴ Para todas as citações que se referem à obra de Luckmann, é tradução nossa.

também a especialização de outras áreas institucionais, provoca um processo que transforma a religião em uma realidade cada vez mais subjetiva e mais privada”.

Para Luckmann, o sentido de autonomia que caracteriza o indivíduo típico das modernas sociedades industriais e comunicacionais está estreitamente ligado a uma difusa mentalidade de consumidor. Essa mentalidade invade também as relações do indivíduo “autônomo” com o cosmos sagrado. Por sua vez, rompe-se a unidade temática do cosmos sagrado tradicional. Assim, emergem as diferentes “versões” da concepção do mundo baseadas na complexa estrutura institucional e na estratificação social da sociedade industrial. Luckmann ressalta que, com a difusão da mentalidade consumista, e do sentido de autonomia, é mais provável que o indivíduo encare a cultura e o cosmos sagrado com uma atitude de “comprador”. “Uma vez que a religião foi definida como assunto privado, o indivíduo pode escolher como melhor lhe parecer um sortimento de significados últimos guiado somente pelas preferências determinadas por sua biografia social” (LUCKMANN, 1973, p. 109-110).

Na mesma linha que Luckmann, Airton Jungblut (2010) relata haver uma “afinidade eletiva” entre as lógicas comunicacionais que operam no ciberespaço e as religiões e religiosidades desinstitucionalizadas, evidentemente, favorecida pelas condições históricas e sociais da atualidade que promovem tanto a autonomização do eu contemporâneo, como a otimização maquínica das estratégias de pertencimento social, de posicionamento identitário, de construção de trajetos subjetivos do eu, que se assiste com a emergência do ciberespaço. Trata-se, pois, de processos afins que mantêm entre si uma visível “confluência ativa”, pois, da mesma forma que religião e religiosidade de que falamos tira proveito da otimização maquínica promovida pelo ciberespaço, também esse vê suas potencialidades serem bem exploradas pelos usos reflexivistas que agentes desinstitucionalizados dele fazem (JUNGBLUT, 2010, p. 208, grifo do autor).

O autor faz-nos entender que essa afinidade eletiva que os indivíduos autônomos possuem com a Internet – por sua arquitetura multidirecional e majoritariamente muitos-para-muitos – se fortalece ainda mais quando se percebe o

quanto este ambiente ciberespacial favorece os dois “regimes de validação do crer”⁵ – “validação mútua” e “autovalidação” – propostos por Danièle Hervieu-Léger (2008).

Quadro 1 – Classificação típica-ideal dos diversos “regimes de validação do crer”

Regime de validação	Instância de validação	Critério de validação
Institucional	A autoridade institucional qualificada	A conformidade
Comunitária	O grupo como tal	A coerência
Mútua	O outro	A autenticidade
Autovalidação	O indivíduo, ele mesmo	A certeza subjetiva

Fonte: Hervieu-Léger (2008, p. 163).

Sendo assim, o ciberespaço se apresenta altamente acolhedor, tanto para experiências dialogais multidirecionais favoráveis à “validação mútua”, quanto para aquelas atitudes de pesquisa e confrontação de versões que animam a “autovalidação” das formas individualizadas de crença religiosa. A noção de “mercado religioso” utilizável aqui, em quase nada se relaciona com aquela proposta pelos formuladores da teoria da Economia Religiosa, na qual as firmas religiosas é que controlam monopolisticamente os processos de “validação do crer”. Se há alguma ideia de “mercado” que seja útil neste caso é aquela que se refere às “negociações” individuais, o “mercado formiga” produzido por atores em busca de conteúdos e interlocuções que lhes auxiliem a melhor formular suas posições religiosas (JUNGLUT, 2010, p. 210, grifo do autor).

Compreende-se então o contexto no qual ocorre a autonomia do sujeito pós-moderno, constituído de novas subjetividades, numa relação com o cosmos sagrado. Agora, no ciberespaço, é ampliado seu leque de ação, como diz Luckmann, uma vez que a religião foi definida como assunto privado, o indivíduo pode escolher como melhor lhe parecer um sortimento de significados, como em uma prateleira de supermercado religioso, guiado pelas preferências, gostos, estilos, determinados por seu histórico de vida social. Faz escolhas eletivas estabelecendo os regimes de validação do crer mútuo e de autovalidação.

⁵ Esses regimes se mostram pouco contempláveis pelos modelos alternativos de interpretação do fenômeno religioso criados pela teoria da Economia Religiosa. Segundo Stark (2006, p.192), a fé religiosa é sempre “um produto social, coletivamente produzido e sustentado”.

3 CULTURA, ESPIRITUALIDADE E O CULTO DA TECNOLOGIA: A “TECNO-RELIÇÃO”

Constata-se, paradoxalmente, na atualidade, que o campo dos avanços tecnológicos tem-se impregnado de um profundo sentido de utopia tecno-religiosa. Análises recentes falam de uma Religião das Máquinas, como nova forma de religiosidade com características de espetacularidade e paradoxalidade, confirmando assim a força do imaginário espiritual sobre as novas tecnologias.

Em sua teoria, Erick Felinto (2005, p. 7) constata:

Vivemos numa cultura tecnológica. Telefones, televisores, câmeras digitais, aparelhos de fax e computadores fazem parte do vasto repertório de objetos tecnológicos com os quais lidamos cotidianamente. Eles se tornaram tão corriqueiros que muitas vezes nem nos damos conta de sua importância em nossa vida. Porém, nos momentos em que eles parecem se voltar contra nós – na pane do computador, na má recepção do celular – sentimos o quão dependentes nos tornamos dessas tecnologias. E por vezes, tendemos a enxergá-los como seres vivos, dotados de vontade própria e inteligência.

Nesse contexto, não é de se admirar que se produzam tantas ficções sobre relações com esses aparelhos. Os vínculos com os aparatos tecnológicos são muito menos racionais e mais imaginativos do que se costuma pensar.

Felinto toma a religiosidade surgida a partir do mercado espiritual da cultura contemporânea, e, numa reflexão sobre as relações entre cultura, a espiritualidade e o culto da tecnologia neste início de milênio, identifica suas características e metamorfoses e demonstra a conjugação de polaridades que ela é capaz de realizar. Como descreve a seguir:

No farto mercado espiritual da cultura contemporânea, uma nova forma de religiosidade parece estar surgindo. Ela possui seus sacerdotes, templos e rituais, mas seu caráter anti-institucional não permite identificar padrões e regularidades absolutos em nenhuma dessas três instâncias. Se tem características que possam ser qualificadas como essenciais, são elas talvez a sua espetacularidade e paradoxalidade. A nova religiosidade não apenas encontrou um nicho favorável na cultura de massas espetacularizada da pós-modernidade, mas também demonstrou ser capaz de conjugar polaridades tradicionalmente tidas como inconciliáveis: corpo-espírito; visibilidade-invisibilidade, misticismo-ciência. Não seria surpreendente, em vista de tudo isso, descobrir figurações desta religiosidade nascente em produtos da indústria cultural do entretenimento (FELINTO, 2005, p. 11).

O autor, no entanto, propõe uma hipótese provisória de “que na contemporaneidade se manifesta uma conjugação de forças não evidente, mas basilar, entre religiosidade, ciência e certas imagens nietzscheanas. Matrix, o filme,

seria um retrato virtual dessa conjunção”. Nessa ruptura de limites, Matrix estabelece sínteses, dentre elas “destaca-se umas das polaridades centrais da narrativa: a combinação do orgânico e do inorgânico [...] as máquinas se assemelham a seres vivos e os homens a fontes inorgânicas de energia” (FELINTO, 2005, p. 19). O conflito entre homem e máquina é um tema recorrente da ficção científica, parte fundamental do imaginário sobre o caráter apocalíptico e totalitário de um futuro dominado pela frieza dos computadores. Matrix, para Felinto, funciona como metáfora perfeita de uma tecnocultura inconsciente, informada pelo pensamento de Nietzsche.

Para Felinto (2005, p. 22, grifo do autor), Matrix nos apresenta uma forma singular de religiosidade. Não existe Deus à vista, mas há, sem dúvida, um messias. Neo (novo) é o redentor cibernético que deverá conduzir a raça humana à sua salvação. Ladeado por Morpheus e Trinity (Trindade), ele articula, de fato, uma **perfeita trindade**: o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Cria-se, assim, a ciber-religião, por meio de um sincretismo amorfo entre a tradição judaico-cristã, as filosofias orientais da iluminação e o universo tecnológico da computação.

A Matriz, por sua vez, é a versão tecnificada do véu de Maya hindu, que nos apresenta uma realidade, em última instância, falsa; mera aparência que esconde a verdadeira natureza do real. Essa natureza pode apenas ser alcançada por meio de uma depuração mental, em um estado de consciência equivalente ao da iluminação budista (FELINTO, 2005, p. 23).

Outro momento significativo para Felinto, descrito em a Religião das Máquinas, tratando do desenvolvimento espiritual de Neo (em Matrix) é o processo de **de-singularização** do sagrado. No mundo de Matrix, como no de nossa tecnocultura, o sagrado mescla-se com o profano e com a vida cotidiana (**o oráculo na cozinha**). O sentimento de absoluta **diferença** do espaço sagrado, característico das culturas tradicionais, perde-se em meio a uma indiferenciação generalizada; é o que se poderia chamar de uma **profanização** do mistério (FELINTO, 2005, p. 24-25).

A força que domina esse mundo é, naturalmente, a do simulacro, da realidade virtual. E falando em simulacro e em Matrix, não é possível deixar de evocar a figura de Baudrillard. Em seu estudo, Baudrillard destaca a relação entre a ideia clássica de representação, o simulacro e o **divino**. O surgimento do simulacro implicou a

perda do elemento sagrado da representação, pois, na ideia de representação, a ligação entre signo e realidade era garantida pela instância divina. Com o simulacro, o signo torna-se autorreferente, deixando de remeter ao real e, indiretamente, ao divino.

Para ilustrar o poder do simulacro, Baudrillard analisa a querela dos ícones na igreja antiga: “o seu desespero metafísico [dos iconoclastas⁶] vinha da hipótese de que as imagens não ocultassem absolutamente nada, e de que não fossem em suma imagens construídas a partir de um modelo original, mas tão somente, simulacros perfeitos, irradiando para sempre seu próprio fascínio” (BAUDRILLARD, *apud* MELO, 1998, p. 31; FELINTO, 2005, p. 25). Do outro lado da questão, os iconólatras⁷, segundo Baudrillard, estariam já vivendo na morte de Deus, devido ao seu culto irrestrito das imagens. Os iconólatras modernos (ou pós-modernos), vivem assim, na era da simulação e da consumação da profecia nietzscheana “*Gottist Tot*” (Deus está morto). Mas, em substituição a Deus, cria-se a tecno-religião (Cf. FELINTO, 2005, p. 25).

“Essa tecno-religião já é uma realidade”, diz Felinto (2005, p.25-26). Bem como pontua: “A época da morte de Deus não é a época da desintegração da religiosidade enquanto tal. Esta encontrou uma de suas novas formas de expressão na ciência transformada em misticismo”.

Felinto questiona a respeito de como conciliar o espiritual, o imaterial, com o mais objetivo e científico. Pergunta como reunir tecnologia e espiritualidade em um mesmo horizonte teórico. Com isso propõe investigar uma das imagens mais peculiares que têm circulado pelo cenário da cultura contemporânea – imagem que precisamente conecta dois campos tidos como tradicionalmente inconciliáveis, os domínios da ciência e da religião. Afirma que não se pode dizer que a ligação é propriamente inaudita, mas sua associação com as novas tecnologias do virtual e da informação talvez lhe empreste pelo menos algumas tonalidades surpreendentes e diferenciadoras. Seu objetivo principal é interrogar qual é a novidade real das representações culturais que hoje veem o computador como uma tecnologia do espírito e a Internet como um paraíso virtual para os cibercultas. Mais ainda, busca apresentar uma taxinomia preliminar dessas representações, bem como descrever a

⁶ Iconoclasta, diz-se de quem destrói imagens ou ídolos e, por extensão, obras de arte; que não respeita as tradições, a quem nada parece digno de culto ou reverência.

⁷ Iconólatra, no entanto, é quem aprecia imagens.

estrutura mental que crer servir-lhes de base – a forma *mentis* gnóstica (Cf. FELINTO, 2005, p.34).

O autor ressalta haver necessidade de desfazer a sensação de novidade aparente das representações investigadas, pois as conexões entre ciência e religião são seculares e quase genéticas. Reforça seu pensamento através do historiador David Noble (1999, p. 12s *apud* FELINTO, 2005, p. 35); demonstrando que

As próprias raízes do projeto tecnológico de nossa civilização estão já contaminadas de mitologia e imaginário da transcendência. Na origem – medieval – do desejo tecnológico da modernidade entranhava-se uma necessidade espiritual: a utilização da técnica como meio de superar o estado decaído da humanidade pecaminosa.

Daí ser possível inclusive falar em uma **religião da tecnologia**, com seus próprios sacerdotes, rituais e artigos de fé. Não é à toa que Lucien Sfez utiliza um vocabulário oriundo do campo religioso para abordar o tema das tecnologias da informação. Como ele explica em *Crítica da comunicação*, “os impulsos tecnológicos contemporâneos, a crença na onipotência do princípio da ciência instauram práticas bem próximas de uma cultura espiritual” (SFEZ, 1994, p. 245).

“É possível afirmar, portanto, que tanto em sua gênese histórica como em sua estrutura epistêmica, a tecnologia esteve quase sempre próxima do religioso. Mas essa associação jamais foi tão forte e pervasiva quanto hoje” (FELINTO, 2005, p. 35). Uma das razões que certamente explicam a intensificação dessas imagens na tecnocultura contemporânea é a tendência das atuais tecnologias de explorar a estrita referência à condição humana, possibilitando novas criações que apontam para a superação das limitações próprias ao orgânico (FELINTO, 2005, p. 35).

4 A CIBERDOCTRINA CATÓLICA

Em recente trabalho, Brenda Carranza (2011) fez uma lúcida pesquisa sobre o Catolicismo midiático brasileiro, lançando um olhar para as sinergias que a desinstitucionalização católica vem desencadeando, tanto na esfera religiosa quanto na social. Seu estudo permite perceber imbricamentos gerados entre a Igreja e a modernidade. Dilemas, paradoxos e ambiguidades suscitados, quando a primeira tenta apropriar-se dos frutos da segunda, especificamente da cultura de massa e dos meios de comunicação social, configurando um catolicismo que,

inexoravelmente, ao optar pela mídia, é redefinido por ela. A partir daí, intui-se uma relação de “amor e ódio” que a Igreja tenta flexibilizar, a cada momento, sob argumentos teológicos, porque sua opção se ancora em um bem maior: a evangelização.

Carranza atenta para alguns aspectos dentro da cultura da virtualidade real, essa que passa a ser a realidade em si da pessoa, como sua existência material e simbólica imersa num embate de imagens virtuais, nas quais os símbolos não são apenas metáforas, mas abarcam experiências reais capazes de mudar indivíduos e coletividades. A base material da cultura, o modo de vida no espaço de fluxos e no tempo intemporal, tem valores e funções que se organizam em simultaneidade, sem contiguidade, construindo sequências imprevisíveis, sem passado e sem futuro, instantâneas (CARRANZA, 2011, p. 227).

O papel decisivo da mídia eletrônica com seus processos de simultaneidade e intemporalidade merecem importante destaque. A internet, por sua vez, vem apresentando-se como a concretização do desenraizamento de fronteiras e culturas, como uma versão eletrônica das raízes comunais. No entanto, a outra face dessa mídia eletrônica está na capacidade de interligar, apagando tempo e lugar, pessoas, grupos, interesses, negócios, criando uma comunidade virtual ou rede virtual, com objetivos de comunicação interativa (CARRANZA, 2011, p. 227; CASTELLS, 2000, v. 1, p. 486).

A propósito da interatividade, a era da internet – no horizonte teórico que enfoca as transformações internas do indivíduo – leva-nos a refletir sobre a interação entre a tecnologia, cultura do simulacro e o imaginário de significações (FELINTO, 2005; ESTERBAUER, 2001; MELLO, 1988), no processo de construção da identidade do indivíduo moderno e como a interatividade da cibercultura possibilita a configuração de “novos *selves*”. Essas transformações íntimas estão sujeitas à simulação de novas formas de interação social, favorecendo o ensaio de formulação de regras, outrora transmitidas por mecanismos tradicionais de face a face, emergindo, assim, outros dispositivos na formação do alterego, via simulações lúdicas (CARRANZA, 2011, p. 228).

Assim, a interatividade e conectividade permanentes, produzidas pela mediatização da comunicação técnica, encontram-se a serviço de uma lógica que direciona valores, opções éticas, pauta normas de comportamento e encontra-se a

reboque das regras de mercado. Desse modo, surgem novas formas de relacionamento social, imbuídas de uma nova ordem de consumo, cujo *ethos* dita estilos de vida, orientados por prescrições morais difusas e pressuposições lógicas midiáticas. Estilos pautados pelo imperativo dos indivíduos estarem sempre interconectados, plugados à tecnocultura, que gera o hábito do consumo (SODRÉ, 2002, p. 46; CARRANZA, 2011, p. 229)

Há, também, o viés da tradição e as consequências que as novas redes de comunicação trazem para a interação face a face. A revolução tecnológica, se não chega a extinguir a tradição, modifica-a, tanto no declínio da autoridade quanto no deslocamento da forma de transmitir seus conteúdos simbólicos no substrato material. O fato é que subordinar a transmissão da tradição à transmissão midiática pode ter como contrapartida a desritualização, passando a tradição a depender menos da reconstituição ritualizada no face a face, e mais da interatividade midiática⁸ (CARRANZA, 2011, p. 229).

Para exemplificar, o processo de desritualização, a autora nos ajuda a refletir, explicando que é nesse espaço doméstico que se transformou a internet, na qual circulam milhões de informações e interações, inclusive religiosas, que se encontram propostas desritualizadoras como esta: “Construa seu espaço sagrado na Internet, um lugar onde você pode acender velas, meditar, orar e ver um lindo jardim crescer! É fácil, rápido e gratuito, experimente!” (CARRANZA, 2011, p. 229)⁹.

A autora ainda ressalta:

Sugestão que o site faz para os internautas religiosos, ou não, que desejem ter ‘um cantinho para meditação, adoração. Para quando você precisa fugir para um lugar calmo – mas só tem o computador à sua frente’. Nesse espaço virtual, desterritorializado, a pessoa é convidada a ‘acender velas em seu altar privado, o que significa que só você pode acessá-lo. Os altares públicos podem ser abertos para quem quiser visitar e colocar velas, e podem ser criados para causas comuns’. Um novo paradigma tecnológico informacional a serviço do sagrado, simulando alteridade real: ‘as velas duram uma semana, e você pode colocar quantas quiser. Quando a última estiver no fim, você receberá um *e-mail* avisando que precisa acender outra. Seu altar não pode ficar sem velas, ou será respeitosamente retirado após uma semana’. O tempo sagrado das práticas ritualizadas, das

⁸ Carranza, assim como especialistas na área, lembra ser ainda cedo para avaliar com profundidade as repercussões societárias que a Internet e a sociedade informacional trazem, é possível afirmar que essas são complexas, visto que, oscilam entre a lógica capitalista do consumo e a apropriação cultural e individual que os usuários fazem delas.

⁹ O endereço no qual Carranza cita o exemplo é: <<http://www.terra.com.br/planetaweb>>. Consultamos o endereço citado em maio de 2011, mas devido à efemeridade do ciberespaço, não foi possível encontrar seu conteúdo como indicado. Porém, uma página Planetaweb foi encontrada num outro endereço, em construção.

resignificações, transformando em tempo real, simulando espaços sagrados, templos e comunidades de crentes: é a religião na internet e a internet a serviço da religião (CARRANZA, 2011, p. 229).

Vale salientar, é na Internet que Igreja católica cada vez mais aposta como meio privilegiado de evangelização, compreendendo que essa é uma prova de sua sintonia com as novas linguagens dos homens e mulheres contemporâneos. Assim, de acordo com João Paulo II (2001, § 6):

A internet faz com que bilhões de imagens apareçam em milhões de *écrans* de computadores no planeta inteiro. Desta galáxia de imagens e sons, emergirá o rosto de Cristo e ouvir-se-á a sua voz. Porque somente quando vir o seu rosto e ouvir a sua voz, é que o mundo conhecerá a Boa Nova da nossa redenção. Esta é a finalidade da evangelização. E é isto que fará da internet um espaço autenticamente humano, porque se não houver lugar para Cristo, não haverá lugar para o homem.

O sucessor de João Paulo II, Bento XVI, também tem se pronunciado a respeito do uso que os católicos fazem das novas mídias no anúncio do Evangelho. Enfatiza as concretas possibilidades de evangelização que as novas vias de comunicação, abertas pelos avanços tecnológicos, oferecem. Provoca a reflexão sobre o reto uso de novos meios no exercício do ministério sacerdotal, destacando sempre que é preciso povoar o mundo digital com a mensagem evangélica.

Os novos *media* oferecem aos presbíteros perspectivas sempre novas e, pastoralmente, ilimitadas, que os solicitam a valorizar a dimensão universal da Igreja para uma comunhão ampla e concreta; a ser no mundo de hoje testemunhas da vida sempre nova, gerada pela escuta do Evangelho de Jesus, o Filho eterno que veio ao nosso meio para nos salvar. Mas é preciso não esquecer que a fecundidade do ministério sacerdotal deriva primariamente de Cristo encontrado e escutado na oração, anunciado com a pregação e o testemunho da vida, conhecido, amado e celebrado nos sacramentos, sobretudo da Santíssima Eucaristia e da Reconciliação (BENTO XVI, 2010).

Não se quer aqui discutir os méritos e/ou implicações das recomendações do pontífice, contudo, chamar atenção para a aposta da Igreja no meio internet. Deve-se atentar para o fato de que os sites católicos se caracterizam por uma forte presença organizacional, com privilégios para os espaços diocesanos, de autoridades territoriais e dos seus decretos oficiais, com pouca interatividade (difícil encontrar listas de discussão) e pouca publicidade. Esse perfil institucional não difere dos sites evangélicos, que dão prioridade para o espaço congregacional (JUNGBLUT, 2002, p. 160-165; 2010, p. 206).

Carranza, na mesma linha de Jungblut, alerta para o esforço das instituições, especificamente a católica e a evangélica, de fazerem do ciberespaço um lugar de

retransmissão tradicional e de difusão da fé, com seu respectivo proselitismo. Três dimensões de uma mesma interlocução entrecruzam-se, metaforizando o mundo virtual em igreja virtual: o ciberespaço (*on-line*), o mundo real da sociedade (*off-line*) e a pertença religiosa (*off-line*). Os últimos segmentos prolongam na Internet comportamentos habituais das instituições (disciplina doutrinal, rotinização comunitária, atividades rituais, padronização e hierarquização de ações), tendendo a trazer e projetar as igrejas e paróquias territoriais para o mundo virtual, embora o espaço cibernético seja um local, por excelência, contrário a essa caracterização (JUNGBLUT, 2002, p. 163; CARRANZA, 2011, p. 232).

Identifica-se, a partir dessas características, certo saudosismo dos encontros interpessoais, que precisam, ainda, das mediações corporais. Com Jungblut (2002; 2010) e Carranza (2011), percebe-se que isso é sintoma da dificuldade de compreender a internet nessa tentativa de transformar o espaço virtual em igreja. De fato, nos sites religiosos, constata-se uma quase ausência do “bate-papo”, por exemplo, do *chat* como espaço mais próximo da interatividade corporal. Em uma conversa sincrônica, de caráter informal, às vezes apaixonada, com pobreza de linguagem, falhas ortográficas, sem conexões lógicas e, frequentemente caóticas, é que as pessoas interagem. Em princípio, o *chat* é uma arena onde se expõem as idiosincrasias identitárias, um canal de demonstração de experiências pessoais, no qual se podem cometer atos livres sem consequências coercitivas do mundo *off-line*, de irresponsabilidade e licenciosidades morais (CARRANZA, 2011, p. 232-233). Mas os discursos idealistas das igrejas têm dificuldade para lidar com essa outra linguagem e construção paradoxal de subjetividades.

5 A EXPERIÊNCIA PAULUS NA WEB

Como estudo de caso, para exemplificação, analisou-se um pouco a experiência católica do trabalho de evangelização dos padres e irmãos Paulinos, através da Editora Paulus, na internet¹⁰. Investigou-se o site paulino, porém, dentro de um contexto maior de evangelização realizado pelos mesmos no Brasil. A escolha dos Paulinos não se deu de forma aleatória, mas por serem bastante conhecidos no seu campo de atuação, o da comunicação e da religiosidade no País;

¹⁰ Cf. <<http://www.paulus.com.br>>.

terem como proposta de missão, além de utilizar linguagens e tecnologias novas, serem protagonistas em pensar a comunicação; por estarem efetivamente envolvidos com os mais diversos meios de comunicação como livros, revistas, jornais, CD's e DVD's, rádio, livrarias, além da internet. Paulus é o nome atribuído à editora da Pia Sociedade de São Paulo com mesmo nome. Uma congregação religiosa constituída de padres e irmãos, fundada em Alba, na Itália, pelo Bem-aventurado Tiago Alberione, em 20 de agosto de 1914. Fundada inicialmente para o serviço de evangelização com a imprensa, os Paulinos, por estímulo e orientação do próprio fundador, foram assumindo a fisionomia e orientação que apresentam hoje. Seu empenho é a evangelização – tendo como o livro principal de publicação, a Bíblia – bem como a promoção humana, com os meios mais céleres e eficazes de comunicação. Os Paulinos se pautam no protagonismo da comunicação, sempre mais humana, à luz da boa-nova de Jesus Cristo. O trabalho dos Paulinos e de seus colaboradores desenvolveu-se por todo o território nacional, além de estar presente, hoje, em 28 países, nos cinco continentes do planeta, em estilo de vida comunitária.

O *site (home)* paulino é constituído por um *design* moderno, na qual há uma boa exploração das cores, grande oferta de produtos, com boa arquitetura da informação. Há o destaque no *top* da página para uma barra de *menu* superior horizontal, na cor cinza, na qual estão os *links* do trabalho e serviço dos Paulinos no Brasil, como: loja virtual (onde está contida a oferta do trabalho editorial); o *link* da interface institucional (onde falam de si mesmos, de suas atividades e serviços ofertados); o da faculdade e comunicação, FAPCOM (instituição de ensino voltada para a área específica da comunicação), o dos Paulinos (onde tem uma perspectiva mais vocacional); as livrarias (pontos de venda físicos, por todo o país); a Ação Social; e, por fim, a Rádio (arquivos em *podcast*). Na *home*, encontra-se vários *links* constituindo efetivamente o contexto do trabalho paulino, além de levar até o lugar de sua presença nas redes sociais na internet.

Figura 1 – *Layout* inicial de loja virtual, *site* da Paulus



Fonte – Paulus. Disponível em: <<http://migre.me/5n0ez>>. Acesso em: jul. 2011

No *site*, seu objeto principal é a oferta desses bens simbólico-religiosos a partir da espiritualidade paulina, ancorados pelo modelo e exemplo religioso a ser seguido, Tiago Alberione. Por conseguinte, segue-se uma linha de trabalho e proposta de evangelização bem consciente, aparentemente solidária, ética, coerente.

Alguns fatores chamam atenção, de forma geral, no trabalho dos paulinos:

- a) a variedade de edição de Bíblias, dentre elas estão:
 1. a versão em linguagem popular, acessível à grande massa, chamada Edição Pastoral;
 2. a edição Bíblia do Peregrino, riquíssima em notas de rodapé, ideal para quem usa em momentos de oração e espiritualidade;

3. a Bíblia de Jerusalém, adequada ao estudo bíblico, sobretudo por sua riqueza na fidelidade à língua traduzida e citação de textos idênticos em outros livros bíblicos;
- b) a composição do editorial voltado para as áreas filosófica, humana e social de grande comprometimento com a justiça social, política e interesse comunitário;
- c) a áreas teológica e pastoral são de grande substância teológica, elaborada por renomados autores comprometidos com o bem comum;
- d) o forte comprometimento da editora na edição de periódicos, bíblico-litúrgicos e catequese;
- e) a produção audiovisual, do erudito ao popular-religioso tem grande legitimação com seus públicos;
- f) a abertura e o estímulo que a editora tem, por meio de seu editorial, em cultivar o diálogo inter-religioso.

Por outro lado, todo o trabalho dos paulinos está vinculado aos processos comunicacionais, como missão. O fato de se fazer presença na internet para comunicação com seus públicos apresenta alguns desafios para a religiosidade e para a oferta de bens simbólicos. A estrutura de presença no ambiente digital através de *site*, embora seja novo, já tem algumas implicações, como por exemplo, o processo de interação é limitado, porque não há como o público interagir muito com seus conteúdos.

Cabe esclarecer que as ofertas editoriais Paulus fazem jus à proposta da sua editora: “difundir uma literatura que contribuísse com a formação moral, intelectual, ética e religiosa”. Contudo, seu discurso não parece ser necessariamente elaborado para o meio internet. Ou seja, pode ser aplicado a qualquer outro meio. Pois, embora tratando de argumentos persuasivos, estratégicos, explorando aspectos linguísticos e estilísticos da publicidade, caracteriza-se também por ter estilo mais formal (informativo, narrativo, testemunhal), menos coloquial (MARTINS, 1997, p. 135s). A forma de transmissão de seus conteúdos obedece, na maioria das vezes, à lógica de outros veículos de comunicação de massa, como TV, Rádio, Jornal, Revista, etc., isto é, unilateral, via de mão única, quando a internet tem outra

perspectiva de relação social. Mesmo se fazendo presente em redes sociais, os paulinos deixam a desejar, nesse aspecto.

Fazem ressignificação de conteúdos, de práticas de fé e evangelização no uso do meio internet, no entanto, como a instituição Igreja Católica, seguem uma lógica tradicional. Embora ofereçam serviços como Bíblia online, serviços de mensagens através de Salmos e da oração com os santos, ficam faltando conteúdos e, sobretudo, processos de comunicação, que se deveriam esperar para a evangelização pela internet. Há, por exemplo, um serviço de capela virtual que poderia ganhar destaque na página institucional, além de na interface dos padres e irmãos paulinos, um lugar mais restrito e de interesse mais vocacional. Porém poderia despertar interesse bem maior, aberto ao próprio público internauta, que busca de alguma maneira encontrar o sagrado no espaço virtual.

Como se verá a seguir na figura 2, a capela é exemplo de processo de desritualização, em que os paulinos propõem um ato devocional por meio da representação de uma tríade de santos, em ícones bizantinos. Constitui-se, em primeiro plano, hierarquicamente, do ícone de Jesus, o mestre, expressando com a mão direita levantada o orientar, o exortar, o ensinar, enquanto que segura com a esquerda a escritura com termo em latim “*Ego sum via et veritas et vita*”¹¹. Tem ao lado a figura iconográfica da Rainha dos apóstolos, de caráter maternal, com o próprio Jesus no colo, como a representação de mãe da humanidade; e, à direita, em posição igual à anterior, o ícone de Paulo apóstolo, tendo em mãos o símbolo do anúncio.

Do outro lado, após apresentar propostas de orações, o estímulo ao processo de interação, no qual o leitor interagente é convidado a deixar sua intenção. Porém, o internauta é avisado que a intenção será rezada nas missas das comunidades dos padres e irmãos paulinos, ou seja, ainda no mundo *off-line*, significando que nem tudo se realiza, necessariamente, no universo *on-line*.

¹¹ Eu sou o caminho, a verdade e a vida.

Figura 2 – Capela virtual paulina



Fonte – Paulinos. Disponível em: <<http://www.paulinos.org.br/capela/>>.

Um detalhe merece destaque no serviço religioso ofertado pelos paulinos: o cenário virtual da Capela. Há uma transposição de elementos do sagrado do mundo *off-line* para a internet: no caso, já afirmado, os ícones (imagens bizantinas), mas também os vitrais, fotos, as intenções, as formas (o formato portal), que são digitalizados e ressignificados para o meio digital. Existe ainda a composição dos elementos, formulada a partir de *softwares* para o ambiente *on-line*, como por exemplo, a luz irradiando a partir do vitral. A combinação desses elementos digitais e não digitais do sagrado possuem em comum a fluidez e efemeridade, podendo, assim, ser tudo alterado instantaneamente.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS: UMA ANÁLISE TRANSDISCIPLINAR

Essas questões até aqui levantadas, sobre a cibercultura e a religiosidade na internet, abrem um leque de reflexões, dentre as quais poderíamos apontar as transformações do indivíduo e o “curvar-se” das instituições religiosas para as práticas de fé através dos meios eletrônicos. Talvez esses fatos sejam apenas um re-começo de re-apropriação dos *medium* mais modernos pelas instituições religiosas, e o catolicismo em particular, ou então seria o caso de os meios estarem mudando as religiões ou ajudando as pessoas a mudarem de religiosidade.

Entramos talvez em um novo ciclo religioso, em que as religiões migram ou circulam rapidamente, são recriadas em múltiplos dosséis personalizados e vão se adaptando aos vitrais das catedrais geoculturais aonde chegam. Ao caírem fronteiras religiosas mais institucionais, uma revolução teocultural se abre. A

mundialização informacional crescente decreta aos poucos a morte do ciclo mágico-agrícola subjetivista e relativiza a própria ordem objetivista da tecnociência moderna. Esse processo cultural torna obsoleto o sistema dualista de pensamento, antagônico e monológico, nascido com a pré-história, e permite o surgimento de um tempo de possível reconciliação, dialógica, da diversidade. Mas essa revolução teocultural agrupa expectativas as mais diferentes, às vezes contraditórias.

De todo modo, a religiosidade que emerge na internet é mais de baixo para cima ou, melhor ainda, na direção do mistério que se esconde e manifesta “entre e além”. Cada pessoa é hoje mais capaz de aprender e oferecer *feedback*. A religião até então tinha a ver só com credos e doutrinas, enquanto a religiosidade agora é uma espécie de wiki-teologia, pluralista. A mundialização possibilitada pela internet e pela informática provoca mudanças na ordem existencial e cultural de todos nós: estamos às vésperas de uma era de grande pacifismo e cooperação, pela possibilidade do reconhecimento de uma espiritualidade transreligiosa, conjugada com o debate científico transdisciplinar – ou então de um confronto mundial sem proporções.

A análise do site da Editora Paulus, com as suas propostas predominantemente unidirecionais e conteudistas de religiosidade, levam-nos a pensar que por trás dessa parafernália tecnológica moderna esconde-se uma mente que imagina ainda o jogo do conhecimento de modo muito objetivista e trata os sujeitos que conformam a sua clientela como se fossem uma “tabula rasa”, necessitada de livros e outros aparelhos de comunicação que levem definições objetivas do divino e do caminho sacramental e metafísico até ele. Pensa-se que, no conjunto, o projeto da Paulus na internet tende a se contradizer, por não apostar mais em uma oferta de experiências religiosas condizentes com o meio cada vez mais interativo no qual está transformando-se a Web.

De fato, estamos entrando em um novo e alviçareiro tempo na produção do conhecimento e, por que não dizer também, na educação religiosa. Em sites mais criativos de espiritualidade, os conteúdos mais reflexivos vão sendo entremeados com as notícias das comunidades de vivência e as novas tecnologias sempre mais Wiki, proporcionadas pela última geração da internet, permitem a criação colaborativa de hipertextos e links multidirecionais, com os quais se entrelaçam teoria e prática, trabalho e lazer, vida econômico-política dos grupos e busca de uma

qualidade humana profunda para a existência, onde se intercambiam, enfim, autor e leitor. O site da Paulus ajuda, sobretudo, a vender livros e apresentar doutrinas, o que se distancia dessa nova lógica da comunicação.

Como dizia Gandhi, “os meios já contêm os fins”, e esses meios virtuais novos, se bem administrados, podem ajudar em uma prática epistemológica de controvérsias, que é desejável em toda atividade reflexiva e formativa - principalmente sobre as religiões e o religioso. Pois o campo de vivência do fenômeno religioso e da experiência espiritual, somente pode esclarecer o mistério assombroso sobre o qual se dedica, através da tensão sempre reavivada, entre e além, de tese e antítese, do sagrado e do profano, do estudioso e do crente, de sujeito e objeto.

Acredita-se que faz falta à proposta da Editora Paulus, como bem à presença cristã e católica na internet, uma lógica do Terceiro Incluído, como a de Basarab Nicolescu¹², que ajuda a compreender bem a complexidade do real, mantendo a oposição dos antagonismos percebidos sem nunca fechá-la na contradição, além de superar a dicotomia entre sujeito e objeto do conhecimento e de permitir uma compreensão mais profunda do sagrado e da sua experiência.

É que o desenvolvimento da física, como novo paradigma de conhecimento, levou ao aparecimento de pares de contraditórios mutuamente exclusivos (A e não-A): onda e corpúsculo, continuidade e descontinuidade, separabilidade e não separabilidade. Esses pares são mutuamente opostos quando analisados através da lógica clássica e dos seus axiomas: identidade: A é A; não contradição: A não é não-A; e o terceiro excluído: não existe um terceiro termo T ao mesmo tempo A e não-A. Mas uma lógica dialogal e ternária, transdisciplinar¹³, considera a realidade como complexa e composta por níveis, interligados por um Terceiro que se deve incluir: os termos — A, não-A e T — e seus dinamismos são associados por um triângulo onde um dos ângulos situa-se num nível de realidade e os dois outros em um outro nível

¹² Basarab Nicolescu é um dos mais atuantes físicos teóricos no cenário científico contemporâneo. É presidente do CIRET, Centro Internacional de Pesquisas e Estudos Transdisciplinares, fundado na França em 1987. Nicolescu tem produzido diversos textos que procuram desvendar as relações entre arte, ciência e tradição, propondo novos modelos de pensamento que possam resgatar a cultura e a sociedade um ser humano mais completo, capaz de enfrentar os desafios da complexidade - a intrincada teia de relações entre conhecimentos, disciplinas e sistemas (naturais, culturais e econômicos) que caracteriza o mundo contemporâneo.

¹³ Para entender o pensamento complexo, leia-se MORIN, E. **Science avec conscience**. Paris: Seuil, 1990, e a sua lógica principal, a transdisciplinaridade, leia-se Basarab Nicolescu(1999).

de realidade. O terceiro dinamismo, o do estado T, exerce-se em outro nível de realidade, onde aquilo que parece desunido (onda ou corpúsculo) está de fato unido (*quantum*).

Com essas novas compreensões do conhecimento, a ciência descobre, transdisciplinarmente, uma lógica da complexidade que envolve o universo em diversos níveis e o abre para o mistério da realidade e da sua polissêmica compreensão. Recupera-se, na ciência, um respeito reverente pelo sagrado que se esconde - e se manifesta - na realidade de todas as coisas. A religiosidade está voltando a ser buscada e respeitada, seu simbolismo tem uma verdade a comunicar sobre o sentido de tudo. Mas a experiência religiosa tem algo a aprender com a relatividade dessa nova ciência, no que respeita à consideração de outras camadas de vivência, de outras possibilidades de acesso à transcendência.

Com essas novas compreensões do conhecimento, a ciência descobre, transdisciplinarmente, uma lógica da complexidade que envolve o universo em diversos níveis e o abre para o mistério da realidade e da sua polissêmica compreensão. Recupera-se, na ciência, um respeito reverente pelo sagrado que se esconde - e se manifesta - na realidade de todas as coisas. A religiosidade está voltando a ser buscada e respeitada, seu simbolismo tem uma verdade a comunicar sobre o sentido de tudo. Mas a experiência religiosa tem algo a aprender com a relatividade dessa nova ciência, no que respeita à consideração de outras camadas de vivência, de outras possibilidades de acesso à transcendência.

A palavra sagrado, pois, para Basarab Nicolescu, designa um terceiro incluído que reconcilia movimentos em tensão. Esse “terceiro” é a origem última dos nossos valores humanos, que está entre e para além das religiões. É o mistério que surge entre dois diferentes, quando se ultrapassam pela criatividade amorosa que transforma o mundo, pela abertura a um princípio criador que nos antecede e ultrapassa. Em consequência, uma pessoa pode reconhecer, nas outras tradições, caminhos de busca do sagrado pelo ser humano, que se questiona e procura. Sendo assim, qual seria a missão de uma Ordem religiosa e dos seus meios de comunicação: levar a palavra objetiva de salvação para converter as pessoas, ou promover círculos hermenêuticos dos textos de todas as tradições de sabedoria, com quem busca fazer a experiência de descentramento e de transcendência?

Nessa perspectiva, transdisciplinar, transreligiosa, entende-se que todos os seres humanos, individual e coletivamente, têm o direito de buscar a verdade e se pode assumir, sem que isso diminua a própria tradição, que todas as religiões são caminhos para Deus. Pode-se também admitir que exista, de fato e de direito, um encontro plural com a divindade – mesmo que na hora de estabelecer a verdade dessas experiências, parta-se sempre da própria crença, para se perceber pelo diálogo, justamente, aquilo que está entre e além. Acredita-se que uma visão assim, do conhecimento e da religiosidade, dotariam a proposta de comunicação católica de maior interatividade e liberdade.

THE CYBERCULTURE AND THE CATHOLIC RELIGIOSITY: A TRANSDISCIPLINARY VIEW ON THE CHALLENGES AND PARADOXES ON THE NEW CONFIGURATION OF THE SACRED IN THE DIGITAL PLACES

Abstract

The objective of this work is to identify the new configuration of the sacred in the digital environment, through and beyond the information technology and communication, in which visualize the challenges and paradoxes, from the Catholic presence on the web specifically, the work of evangelization of paulines. The methodology used is the transdisciplinary analysis with the question of what is this religion, which is between and beyond communication and religion, as well as understand the complexity of religion and communication paths that are gaining. Our intention is to seek further clarification about the religious phenomenon in cyberculture, unveiling its possible contribution to the dialogue between cultures and religions.

Keywords: Religious phenomenon in cyberculture. Communication. Transdisciplinarity and religion. Complexity. Inter-religious dialogue.

REFERÊNCIAS

ARAGÃO, Gilbraz S. Lógica e diálogo: a física e a teologia do diálogo inter-religioso. **Revista de Teologia e Ciências da Religião da Unicap**. Recife: Fundação Antônio dos Santos Abranches – FASA, anual, ano 4, n. 4, p. 76-127, 2005.

BENTO XVI. **Mensagem para o 44º dia mundial das comunicações sociais**. O sacerdote e a pastoral no mundo digital: os novos meios a serviço da Palavra. 16 mai. 2010. Disponível em: <<http://migre.me/5SMa6>>. Acesso em: ago. 2011.

CARRANZA, Brenda. **Catolicismo midiático**. São Paulo: Idéias & Letras, 2011. 359 p.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. A era da informação: economia, sociedade e cultura. São Paulo: Paz e Terra, 2000. v. 1.

ESTERBAUER, Reinhold. Deus no ciberespaço: sobre os aspectos religiosos do novos meios. *In*: KOLB, Anton; ESTERBAUER, Reinhold; RUCKENBAUER, Hans-Walter.

Ciberética: responsabilidade em um mundo interligado pela rede digital. Maurício Mendonça Cardoso. São Paulo: Loyola, 2001. 214 p.

FELINTO, Erick. **A religião das máquinas**: ensaios sobre o imaginário da cibercultura. Porto Alegre: Sulina, 2005. 142 p. (Coleção Cibercultura).

HERVIEU-LÉGER, Danièle. **O peregrino e o convertido**: a religião em movimento. Petrópolis: Vozes, 2008.

JUNGBLUT, Airton Luiz. O uso religioso da internet no Brasil. **PLURA – Revista de Estudos de Religião**, v. 1, n. 1, 2010, p. 202-212. Disponível em: <<http://migre.me/5sm6F>>. Acesso em: mai. 2011.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 2000.

_____. **O que é o virtual?** Trad. de Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 1996.

LUCKMANN, Thomas. **La religión invisible**: El problema de la religión em la sociedad moderna. Salamanca: Ediciones Sígueme, 1973.

MARTINS, Jorge S. **Redação publicitária: teoria e prática**. 2. ed. São Paulo: Atlas. 169 p.

MELO, Hygina Bruzzi de. **A cultura do simulacro**: Filosofia e modernidade em Jean Baudrillard. São Paulo: Loyola, 1988. 273 p.

NICOLESCU, Basarab. (org.). **Educação e transdisciplinaridade**. Brasília: UNESCO, 2000.

_____. **O manifesto da transdisciplinaridade**. Trad. Lucia Pereira de Souza. São Paulo: Triom, 1999. 165 p.

PIA SOCIEDADE DE SÃO PAULO – PAULUS. Disponível em: <<http://www.paulus.org.br/>>. Último acesso em: ago. 2011.

SANTAELLA, Lucia. **Culturas e artes do pós-humano**: da cultura das mídias à cibercultura. São Paulo: Paulus, 2003. 357 p.

SFEZ, Lucien. **Crítica da Comunicação**. São Paulo: Loyola, 1994.

SILVA FILHO, Mariano Vicente da. **Religião virtualizada**: a oferta de bens simbólicos no percurso da religiosidade na internet. 2012. 122 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Pró-Reitoria Acadêmica da Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2012.

SODRÉ, Muniz. **Antropologia do espelho**: uma teoria da comunicação linear em rede. Petrópolis: Vozes, 2002.